

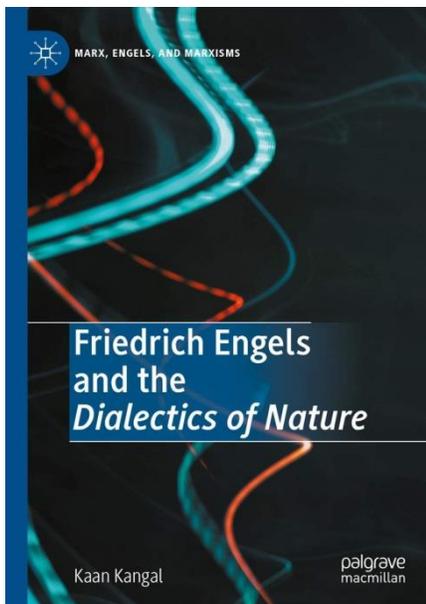
Friedrich Engels and the Dialectics of Nature (Marx, Engels, and Marxisms)

KAAN KANGAL

London: Palgrave Macmillan, 2020. xvi, 213 p.

332

Felipe Cotrim¹



Os manuscritos referentes à *Dialética da natureza*, de Engels, estiveram entre alguns dos textos mais debatidos dentro e fora do marxismo no século XX. Simultaneamente amado e odiado, *Dialética da natureza* foi um dos responsáveis pela divisão do marxismo entre ocidental e soviético. Após quase um século desde sua primeira publicação, em 1925, na União Soviética, e após um acúmulo de estudos e debates, talvez estejamos em melhores condições para avaliar no que realmente consistem esses manuscritos engelsianos, quais eram suas reais

intenções para com os estudos de filosofia e ciências naturais, qual o efetivo significado de dialética para Engels e, por fim, o que foi feito desses manuscritos pelos editores e pesquisadores durante o século XX. Envolvidos pelo ano do bicentenário do nascimento de Engels (1820) e mobilizados

¹ Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e membro do Conselho Editorial da Revista Angelus Novus (RAN). | f.cotrim.89@gmail.com



pelos debates sobre a crise ambiental e pelo futuro do gênero humano e do planeta Terra, estamos em um momento histórico mais do que adequado para retornar e reavaliar a *Dialética da natureza*—e de iniciarmos uma *Neue Engels-Lektüre* sobre os aspectos mais polêmicos de sua obra.

Por meio das fontes disponíveis nas coleções Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA), Marx-Engels-Werke (MEW) e Marx & Engels Collected Works (MECW) e auxiliado por um rico acervo bibliográfico em alemão, inglês e russo, Kaan Kangal apresentou ao leitor em *Friedrich Engels and the Dialectics of Nature* um exame histórico-crítico dos manuscritos engelsianos de filosofia e ciências naturais, uma descrição técnica de sua estrutura e organização, o histórico de suas edições e dos debates a seu respeito, examinado seus usos e desusos filosóficos e políticos e, por fim, construiu um perspicaz diálogo filosófico entre Engels, Hegel, Kant, Aristóteles e demais pensadores.

Kaan Kangal é marxólogo nascido na Turquia e que fez sua formação acadêmica na Alemanha e na Rússia. Atualmente é professor do departamento de filosofia da Universidade de Nanjing (China). Apesar de ser um jovem pesquisador, Kangal tem reconhecida experiência científica, publicando ensaios e livros em alemão, inglês e chinês, e é vencedor do David-Rjazanov-Preis, de 2019, pela pesquisa sobre os manuscritos de Marx do período de Bonn, intitulada: *Marx' Bonner Hefte im Kontext. Ein Rückblick auf das Verhältnis von Bruno Bauer und Karl Marx zwischen 1839 und 1842* (*Os cadernos de Marx em Bonn em contexto: uma retrospectiva da relação entre Bruno Bauer e Karl Marx entre 1839 e 1842*).

O livro foi organizado em seis capítulos. Os capítulos 1 e 6 (“Introduction: *Neue Engels-Lektüre*” e “Conclusion: What Is Dialectics of Nature?”) consistem, respectivamente, na introdução e conclusão, em que Kangal apresentou suas motivações, objetivos e as teses e hipóteses principais da obra. Os capítulos 2 e 3 (“After Engels, After Marx” e “The Origins of the Engels Debate”) formam a primeira parte do livro. Por sua vez, os capítulos 4 e 5 (“*Dialectics of Nature* Between Politics and Philosophy” e “Dialectics in *Dialectics of Nature*”) formam a segunda parte.

Entre as motivações apresentadas por Kangal no capítulo 1 para o engajamento em tal projeto de pesquisa, há a curiosidade em compreender “as razões pelas quais um filósofo ou político pode ser interpretado de tantas maneiras controversas e o interesse em descobrir algo filosoficamente novo e perspicaz naquele livro infame” (a *Dialética da natureza*) (p. 2). Para



tanto, Kungal exercitou o que poderíamos denominar de leitura imanente, meio com que visou compreender o pensamento de Engels a partir de seu próprio texto. Nesse processo, Kungal também buscou compreender quais eram as reais intenções e objetivos de Engels, explicitando suas virtudes e seus vícios. Somente a partir do esclarecimento dessas perguntas se poderia passar para o estudo sobre o que foi feito dos manuscritos engelsianos por seus editores e pesquisadores. “Nos sessenta anos de história de publicação (1925-1985)”, escreveu Kungal, “o texto de Engels foi apresentado e lido de diferentes maneiras. Sob títulos diferentes e com arranjos diferentes dos manuscritos”. Consequentemente, “o público se encontrou ... com um Engels diferente. Todavia, a completude e a maturidade de sua dialética foi sempre imposta pelo trabalho editorial”, (p. 3) e não pelas palavras do próprio autor. (A primeira edição integral da *Dialética da natureza* somente veio a público em 1985 no volume 1/26 da MEGA, ainda assim, não “liberto” de intervenções editoriais.)² Entretanto, a exposição de Kungal segue o caminho inverso, iniciando pelo que foi feito e dito da *Dialética da natureza* para, somente depois, adentrar efetivamente no texto engelsiano em questão.

Kungal afirma em uma de suas principais teses que os estudiosos dos manuscritos engelsianos sobre filosofia e ciências naturais fracassaram em apreender e distinguir os propósitos, as motivações e as intenções do autor. Assim, eles teriam ignorado a possibilidade de que o projeto engelsiano tenha ficado incompleto e inconcluso—o teorema da incompletude [*incompleteness theorem*], e que ele não ignorava suas insuficiências, ambiguidades e contradições (p. 124-125).

Com o fim da União Soviética, em 1991, o debate sobre a *Dialética da natureza* esvaneceu. Além de buscar “novas formas de leitura, compreensão e interpretação de Engels” (p. 4), o livro de Kungal visa reanimar os debates sobre esses manuscritos engelsianos, ou, nos termos do próprio autor: “Provocar o debate, e não reconciliar as diferenças” (p. 7).

² Segundo Kungal: “Projetos hercúleos como a MEGA são motivados política e ideologicamente. Entretanto, os supostos empreendimentos ‘não ideológicos’ da ‘nova’ MEGA nos anos 1970 em diante comprovam, uma vez mais, que as escolhas interpretativas, editoriais ou não, são sempre baseadas, de uma forma ou de outra, em uma visão política do mundo. Seja ela marxista ou outra coisa, o resultado é sempre o mesmo” (p. 28). Para uma crítica à orientação editorial e filológica da MEGA pós-1970 (MEGA-2), ler: Martins (2013).



No capítulo 2, Kangal apresentou uma revisão histórico-crítica dos debates e das pesquisas acadêmicas e científicas das obras de Marx e Engels ao longo do século XX—particularmente sobre o significado engelsiano da dialética e sua aplicabilidade no estudo da natureza—e o surgimento, de um lado, da fusão “Marx *hífen* Engels” (marxismo soviético) e, do outro, de sua completa cisão: “Marx *contra* Engels” (marxismo ocidental).

O livro *História e consciência de classe* (1923), de Lukács (2003), é frequentemente estabelecido como obra fundadora da divisão entre marxismo ocidental e soviético em razão de sua oposição sem concessões à dialética da natureza engelsiana—particularmente as considerações expostas na nota 6 do ensaio “O que é marxismo ortodoxo?”. Entretanto, no capítulo 3, Kangal demonstrou que o debate sobre as questões referentes à filosofia, à dialética e à natureza na obra de Marx e Engels tiveram origem em meados do século XIX, por meio de seus debates com os filósofos pós-hegelianos Adolf Trendelenburg, Eduard Hartmann, Paul Barth e Friedrich Lange. O debate prosseguiu dentro da Segunda Internacional, envolvendo Zhitlovski, Berstein, Kautsky, Sombart, Struve, Adler e Plekhanov—para mencionar somente aqueles que mais se destacaram nesse tópico. Durante os anos 1920, a União Soviética também vivenciou intensos debates baseados nos textos engelsianos sobre a possibilidade de confluência entre a filosofia e as ciências naturais—deborinistas *versus* mecanistas—, impulsionados pela primeira publicação da *Dialética da natureza*, em 1925.

Kangal também apresentou ao leitor uma espécie de biografia da *Dialética da natureza*, desde a “descoberta” por Borís Ivánovitch Nikoláievski dos manuscritos engelsianos de filosofia e ciências naturais—então sob a guarda de Bernstein—e de suas primeiras edições alemãs e soviéticas, explicitando o caráter político e ideológico dos editores. Assim, ele ofereceu a possibilidade de correção de toda uma série de erros, ou equívocos, sobre a história desses manuscritos, lançou luz sobre o que foi feito deles pelos seus primeiros editores e a influência que o trabalho deles teve sobre os leitores e os pesquisadores.

Os exemplos detalhados de comparação entre os manuscritos e suas edições apresentados por Kangal demonstram que os editores não se limitaram ao papel de intermediários entre o autor e seus leitores, mas que eles teriam atuado como instrutores que orientavam a forma pela qual os leitores interpretariam a obra em questão. Orientar politicamente os leitores “foi de fato um dos objetivos” (p. 60). Por esse motivo, seria mais do que



necessário retomar o exame histórico-crítico e filológico dos manuscritos engelsianos sobre filosofia e ciências naturais livre das disputas políticas, ideológicas e acadêmicas que o permearam durante o século XX—seja no marxismo ocidental quanto no soviético.

O capítulo 4 é dedicado ao exame do caráter político dos estudos de Engels sobre a filosofia e as ciências naturais. Segundo Kangal, Engels visou abrir um novo campo de pesquisa e de disputa teórica e ideológica para o marxismo buscando (1) atrair cientistas para o socialismo ou comunismo; (2) combater as tendências antifilosóficas entre os cientistas, pois, para Engels, a filosofia e as ciências naturais seriam complementares e a dialética serviria como método explicativo do processo evolutivo da natureza; (3) combater a metafísica dominante nas ciências naturais do século XIX; e (4) a necessidade de supressão [aufheben] criticamente a filosofia hegeliana da natureza, ou a necessidade de restabelecer os elementos ainda válidos da filosofia hegeliana, transcendendo, porém, seus limites idealistas.

No capítulo 5, Kangal adentrou efetivamente o exame dos manuscritos de filosofia e ciências naturais de Engels. Para ele, a *Dialética da natureza* consistiu em um conjunto de manuscritos que compreendem rascunhos, notas e esboços de ensaios produzidos por Engels entre os anos de 1873 a 1886. Apresentou também as premissas metodológicas—explícitas e implícitas—utilizadas por Engels, buscou medir o “sucesso” e o “fracasso” do projeto engelsiano e examinou os erros e acertos de seus estudos sobre a história da filosofia e das obras dos grandes filósofos—particularmente, Aristóteles, Kant e Hegel.

Conforme demonstrado por Kangal, Engels trabalhou com dois parâmetros fundamentais de oposição: (1) metafísica *versus* dialética e (2) idealismo *versus* materialismo que, segundo ele, eram oposições excessivamente binárias e generalistas, que trouxeram mais problemas do que possíveis soluções. A tese engelsiana da divisão da filosofia entre metafísicos e dialéticos tinha motivações mais práticas e políticas do que de precisão histórica e filosófica. Em primeiro lugar, Engels visava conciliar o método das ciências naturais com a dialética hegeliana—isto é, combinar a lógica objetiva de Hegel com o estudo positivo da natureza. Para tanto, ele buscou distanciar Hegel da metafísica a fim de melhorar sua receptividade entre os cientistas de seu tempo. Em segundo lugar, Engels também estava combatendo das tendências neokantianas dentro do Partido Social-



Democrata da Alemanha (SPD), provável razão pela qual teria excluído Kant da linhagem dos dialéticos e o limitado à linhagem menos ilustre dos metafísicos. Ademais, ele se apropriou acriticamente de muitos conceitos lógicos das categorias hegelianas, terminando por fabricar uma versão materialista de Hegel.

Porém, antes de repetir as conclusões precipitadas dos pesquisadores da *Dialética da natureza* do passado, Kängal recuou alguns passos e demonstrou que essas teses engelsianas sobre metafísica *versus* dialética, idealismo *versus* materialismo e a busca por unificar a filosofia e as ciências naturais eram antes hipóteses de trabalho. Assim, ele defendeu a tese de que o conteúdo dos manuscritos engelsianos de filosofia e ciências naturais se tratavam de uma série de exercícios, reflexões e pesquisas incompletas e inconclusas. “Em meu balanço”, escreveu Kängal, “o ‘teorema da incompletude’ é sustentado pela coerência parcial e pela incompatibilidade parcial entre as premissas, objetivos e procedimentos de Engels. Eu vejo as ambiguidades como etapas únicas que Engels atravessou em seu ‘trabalho em desenvolvimento’. E eu as utilizei como um meio para justificar a razão por que acredito que seu trabalho permaneceu incompleto” (p. 125). Consequentemente, a interpretação de Engels da história da filosofia e das categorias e conceitos filosóficos foi em muitos casos inconsistente e contraditória, pouco sistemática e rigorosa. Essa tese extraída do estudo empírico dos manuscritos engelsianos talvez possa surpreender aqueles que o veem como sendo o paradigma do pensador metódico e sistematizador.

No capítulo 6, Kängal questionou: “O que o título póstumo do projeto de Engels realmente significa? Para ele “não há uma resposta direta” à questão (p. 183), pois o termo “dialética” pode ter inúmeros significados e funções na obra de Engels. Em alguns momentos, se refere à aplicação de um método para o estudo da natureza e da sociedade. Em outros, uma combinação mais ou menos implícita de metafísica, idealismo e materialismo. A razão para essa multiplicidade de significados e aplicações se deve ao fato de que Engels mudou muitas vezes a semântica de seus textos, a adaptando conforme as necessidades impostas pelo objeto de investigação do momento. Contudo, esse caráter experimental, incompleto e inconcluso dos manuscritos engelsianos foi desconsiderado por muitos editores e pesquisadores no século XX. Assim, os reais—e válidos—problemas filosóficos e científicos desses manuscritos de Engels não foram adequadamente examinados e investigados pela maioria dos pesquisadores.



Apesar de o livro—conforme foi reconhecido pelo próprio autor—consistir em prolegômenos para uma leitura renovada de Engels, ele é, certamente, o estudo mais completo, crítico, erudito e polêmico sobre a *Dialética da natureza* publicado em muitos anos. Kangal tem por mérito não somente ter (re)examinado os manuscritos em si, mas de os ter confrontado com o melhor da tradição marxista e filosófica dos séculos XIX e XX, além de encenar debates virtuais entre Engels, Aristóteles, Kant e Hegel. Um grande feito no qual os futuros pesquisadores dos manuscritos de Engels não poderão contornar.

Apesar de ser um estudo sistemático e denso, *Friedrich Engels and the Dialectics of Nature* não deve intimidar os leitores menos experientes no tema. Mas, justamente pelo contrário, por ser um livro acessível, de leitura dinâmica e fluída, ele pode ser apreciado e estudado tanto por pesquisadores quanto por diletantes.

Cumprida a tarefa de revisar historicamente os manuscritos referentes à *Dialética da natureza*, a tarefa seguinte deve ser atualizá-los para o confronto perante os atuais desafios existenciais da humanidade: a crise sistêmica do capital e a ruptura metabólica entre a natureza e o ser social. Engels certamente não pode nos oferecer as respostas, mas, ao menos, ele teve a elegância e a solicitude de deixar algumas perguntas e pistas pelo caminho.

Referências

- MARTINS, Maurício. **Sobre a nova edição da obra de Marx e Engels: só a filologia salva?** *Marx e o Marxismo*, Niterói, v. 1, n. 1, p. 135-143, 2013.
- LUKÁCS, György. O que é marxismo ortodoxo? In: **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 63-104.

Recebido em 26 jun. 2021 | aceite em 22 jul. 2021

